



The Symbiosis of Culture and Innovation in Tourism

Volume 6 | Número 1 | Março 2016

Volume 6 | Number 1 | March 2016

Volumen 6 | Número 1 | Marzo 2016

www.isce-turismo.com

ISSN: 2183-0800



tourism and **H**ospitality
international **J**ournal



Departamento
Turismo@ISCE

CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO DA INTEGRAÇÃO TURÍSTICA NO ÂMBITO DA INTERAÇÃO CULTURAL – OS CASOS DA FEIRA DO CAVALO DA GOLEGÃ E DO COMBOIO HISTÓRICO A VAPOR NO ALTO DOURO VINHATEIRO.

Vânia Maria de Matos Salvador

Instituto Politécnico de Leiria, ESTM, Grupo de Investigação em Turismo - GITUR

Ana Teresa Frazão Vinagre Boavida

Instituto Politécnico de Leiria, ESTM, Grupo de Investigação em Turismo - GITUR

António Sérgio Araújo de Almeida

Instituto Politécnico de Leiria, ESTM, Grupo de Investigação em Turismo - GITUR

Salvador, V. M. M., Boavida, A. T. F. V. & Almeida, A. S. A. De (2016). Contributos para a compreensão da integração turística no âmbito da interação cultural – Os casos da feira do cavalo da Golegã e do comboio histórico a vapor no Alto Douro Vinhateiro. *Tourism and Hospitality International Journal*, 6(1), 35-54.

Resumo: Compreender alguns dos pressupostos e consequências turísticas que assinalam a interação em contextos de Turismo Cultural é o grande objetivo deste artigo. Recorrendo a dois casos de estudo, este trabalho evidencia opções e experiências turísticas distintas, apesar de subsistir em ambos os casos a prevalência de uma interação marcada pelas culturas locais. A interação e consequentes envolvimento e prevalência cultural, por um lado, e, em contraponto, a prevalência de um envolvimento turístico nos atrativos naturais, exorbitando o envolvimento cultural em si, foram vivências observáveis, demonstrando-se que, sendo a interação um mecanismo marcado e tendencialmente propiciador de uma valorização turística cultural, isso não a inibe de proporcionar uma integração turística noutros atrativos da oferta que não os culturais, previamente definidos como objetivo em si próprios. É assim evidenciado o cariz não impositivo da interação enquanto processo cultural de integração turística.

Palavras-chaves: Turismo Cultural, Interação, Integração Turística, Experiência Turística.

Abstract: To understand some of the assumptions and consequences that mark the tourist interaction in contexts of Cultural Tourism is the main goal of this paper. Using two case studies, this paper highlights options and different tourist experiences, although subsisting in both cases the prevalence of an interaction with local cultures. The interaction and both the involvement and cultural prevalence as a result, on one hand, and, in the other hand, the prevalence of a tourist involvement in natural attractions, beyond the cultural involvement itself, were observable experiences, demonstrating that, being the interaction a mechanism that improves a cultural enhancement, this does not prevent an integration in other tourist attractions. Therefore, there is an evidence that does not enforce preferences in the context of the interaction as a cultural process of tourism integration.

Keywords: Cultural Tourism, Interaction, Tourist Integration, Tourist Experience.

Introdução

O Turismo enquanto fenómeno cultural, social e económico, depende em grande medida dos processos de integração entre Turistas e Comunidades Locais, sendo a interação um pressuposto incontornável para proporcionar um ambiente de partilha convergente em torno das mais-valias turísticas locais.

Assumindo-se conceitualmente, também, como um ato cultural, o Turismo presume a interação cultural. No presente artigo, veremos contudo que esta interação cultural nem sempre será sinónimo de predomínio cultural no âmbito do usufruto da Experiência Turística propriamente dita. Os fatores naturais e respetivos atrativos poderão ser, na vivência em concreto, o fator preferido pelos Turistas, apesar de não o serem no período antecedente e no âmbito da própria preparação da referida Experiência.

Recorrendo a trabalhos de investigação que versam, respetivamente, sobre o Comboio Histórico a Vapor no Alto Douro Vinhateiro e a Feira do Cavalo da Golegã, o presente trabalho pretende ser um contributo para a compreensão dos processos que contribuem para a integração do Turista na oferta, sobretudo em ambientes de Turismo Cultural, presumindo-se a interação e a partilha entre Turistas e Comunidades Locais numa lógica de reciprocidade de interação cultural, assente no usufruto experiencial dos primeiros e na obtenção de dividendos e vantagens económicas por parte das segundas.

O presente artigo tem assim como objetivo a problematização do papel de iniciativas integradoras no âmbito do Turismo Cultural, bem como a compreensão do posicionamento do Turista perante a oferta, cujos atrativos, em determinadas circunstâncias, poderão exorbitar a própria estratégia de integração cultural previamente definida.

Com o presente trabalho é problematizada a Experiência Turística para além da vivência propriamente dita, o que consubstancia a oportunidade de investigar esta

questão no âmbito de um processo evolutivo constituído por três fases interdependentes e complementares: pré experiência, experiência e pós experiência.

Interação – integração e intensificação da Experiência Turística Cultural

37

No âmbito de contextos turísticos mais sofisticados do que o ato de “apanhar sol”, usufruindo do “refresco” na temperatura certa, a interação assume-se como algo indispensável, sobretudo no âmbito de processos mais complexos de partilha de conhecimento e de cultura e, conseqüentemente, de desenvolvimento pessoal do Turista.

Tal como preconiza o modelo desenvolvido por LEO¹ (2009), a interação é um dos fatores essenciais que contribui para que a Experiência opere uma mudança no nível mental do Turista, materializando assim um percurso experiencial que incluiu previamente a motivação e a aprendizagem. Temos, nesta mudança, uma transformação contínua que pode ser representada em forma de pirâmide, adaptando a pirâmide da economia da experiência de Pine & Gilmore (1999) a vários níveis: motivacional, físico, intelectual, emocional e mental, à medida que aumenta o envolvimento pessoal na experiência em si (Tarssanen, 2006) proporcionando uma evolução no próprio indivíduo. A intensificação da Experiência Turística está patente neste processo. Silva, Mendes e Almeida (2015, pp. 52-53) reforçam também o papel da Experiência Turística como ferramenta de desenvolvimento individual:

A experiência turística assume-se como ferramenta para o desenvolvimento individual do turista na medida em que este, ao ser integrado e envolvido no conhecimento proporcionado pelas comunidades, que através do seu património cultural, (material e imaterial) organizam o produto turístico, adquire um maior desenvolvimento pessoal, único, vivido e experienciado de forma distinta, tornando-a num espaço de emancipação e crescimento.

Para além de, em determinadas circunstâncias, aproximar Turistas das Comunidades Locais e vice-versa, a interação contribui para materializar uma atitude de envolvimento e partilha, típica de um ambiente comunitário, marcado por relações fluídas e de uma maior proximidade quando comparadas com as relações sociais do dia-a-dia. O próprio ambiente de envolvimento e partilha acaba por se afirmar como algo diferenciador para o Turista, habituado socialmente a relações mecânicas, frias e impessoais.

No Turismo Cultural, são inúmeros os pretextos e as oportunidades para interagir, sendo que os eventos organizados localmente protagonizam dinâmicas de participação, envolvimento e aprendizagem, consubstanciando a atividade turística como uma ferramenta social de emancipação coletiva. Nesta perspetiva e, tal como sublinhado na obra de Almeida e Araújo (2012, p. 45):

¹ LEO - *Lapland Centre of Expertise for the Experience Industry*, Finlândia (2009)

Também as atividades de representação, incluindo naturalmente o teatro, enquanto atividades que se enquadram neste contexto de comunidade turística, reúnem condições ímpares para intensificar e tornar as experiências marcantes – desde logo por poderem integrar cidadãos locais, conhecedores do seu potencial turístico, pela capacidade de contar histórias com história, envolvendo as próprias comunidades em torno de valores e ideais.

Esta linha de atuação deverá, no entanto, ser integrada num propósito sistémico, de forma a alcançar uma mensagem consequente e consonante com a própria imagem pretendida pelo destino turístico. [...] Também nestes contextos será estabelecida uma comunicação direta, ativa e incitadora entre espetadores e atores, afirmando-se todo o processo como uma mais-valia para a afirmação de uma experiência turística partilhada, fator de diferenciação do destino.

Esta partilha e consequente aprendizagem enriquecem os atores envolvidos na Experiência, permitindo construir um produto mais completo e diferenciado. De facto, e numa perspetiva de sustentabilidade do próprio destino, a preocupação deve estar focada na criação e no desenvolvimento de um produto turístico integrado.

Segundo Almeida (2008), é essa interação entre Turistas e Comunidade Local, entre espetadores e atores, que incentiva a fuga para contextos relacionais, de envolvimento. Ao desencadear emoções e relações, o visitante é integrado na *communitas* de Turner (1969). A convergência entre Comunidades Autóctones e Turistas, numa lógica de sustentabilidade, permite uma apropriação simbólica da realidade através de Experiências Turísticas.

Por outro lado, “a interação e as adaptações recíprocas entre os diferentes actores sociais – residentes, turistas e organizadores – pode resultar numa autenticidade construída” (Dias, 2009, p. 133) através de reconstituições com o propósito de corresponderem às expectativas dos Turistas. Estes, tornando-se participantes nos espetáculos, são transportados para outras culturas, para outros lugares, para outros tempos, de acordo com os rituais de transição ou liminares de Turner (1969), que representam em si uma integração. São suscitadas emoções e relações que não aconteceriam no dia-a-dia, pois a participação na própria Experiência Turística subentende uma relativa liberdade de ação e sentimento de união social perante a *communitas* num espírito comunitário de proximidade (Boavida, 2012).

Este facto é também reforçado pela perspetiva de Winnicott (1975), em que o Turismo se apresenta como uma forma de “brincar” com a realidade.

O Turismo Cultural, assente na interação com as Comunidades Locais, proporciona ao Turista a indispensável intimidade, própria da vida em comunidade (em oposição à sociedade) que acaba por se assumir como condição para a entrega do próprio Turista à Experiência (Almeida, 2012).

O Comboio Histórico a Vapor no Alto Douro Vinhateiro

O Alto Douro Vinhateiro foi classificado pela UNESCO como Património da Humanidade, na categoria de Paisagem Cultural Evolutiva Viva, em 2001. Trata-se de uma paisagem caracterizada pelas suas encostas trabalhadas em socalcos que refletem o trabalho do Homem ao longo dos séculos.

O Comboio Histórico a Vapor no Alto Douro Vinhateiro percorre o troço Régua-Pinhão-Tua, com retorno à estação de origem. Aquando da realização do estudo, o comboio era constituído por uma locomotiva a vapor e cinco carruagens recuperadas, do início do século XX, com uma capacidade para transportar até 250 passageiros. Durante a viagem, um grupo de música tradicional percorre as carruagens e são também oferecidos produtos regionais, com destaque para o Vinho do Porto.

É da junção destes dois fatores, um Comboio a Vapor e uma paisagem ímpar, que surge a intenção de explorar a Experiência Turística resultante da combinação de ambos. Trata-se de uma experiência singular: a viagem de Comboio a Vapor, inserida no contexto paisagístico do Alto Douro Vinhateiro. Estamos perante uma experiência ímpar em Portugal, uma vez que se trata do único Comboio a Vapor em funcionamento, e também ímpar a nível mundial, uma vez que as paisagens são irrepetíveis.

Para contextualizar esta experiência é importante referir a importância do desenvolvimento do caminho-de-ferro para o aumento da mobilidade, o intercâmbio cultural e consequentemente o desenvolvimento do Turismo. O desenvolvimento dos transportes, em especial dos caminhos-de-ferro, inicialmente nos países europeus, esteve associado a esta maior facilidade em viajar (Matos, Ribeiro & Bernardo, 2009).

Como referem Cutler e Carmichael (2011, p. 184), “a noção de viajar como forma de educação não é nova”. O acesso à viagem com fins de educação e lazer era, no início do século XVIII, exclusivo da aristocracia, que preconiza a *Grand Tour*, mas a partir do século XIX foi abrangendo gradualmente outros estratos da população. Como referido anteriormente, o caminho-de-ferro teve um papel fundamental no desenvolvimento do Turismo, mas com a massificação de outros meios de transporte a sua importância foi diminuindo. No entanto, e como refere Salvador (2012, p. 33), “o próprio Turismo que ‘abandonou’ este meio de transporte em detrimento de outros, é também agora o responsável pela sua revitalização”.

É possível reconhecer como as formas de viajar de outros tempos exercem uma espécie de fascínio em alguns Turistas que, movidos também pela curiosidade, transformaram os comboios históricos em atrações turísticas. Ao viajar neles, o Turista experimenta a sensação de viver no início do século XX, quando o comboio era o principal meio de transporte. Mais uma vez, reforçamos a Experiência Turística como uma ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Como refere Trigo (2010, p. 35), cada viagem precisa “estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história.”

Foi nesta aceção que surgiu uma investigação focada no Comboio Histórico no Alto Douro Vinhateiro, onde se destaca a “experiência” do passado, relacionada com o património ferroviário e com a história das gentes do Douro, que venceram os entraves da natureza trabalhando as suas terras em socalcos. A sedução pelo passado é também uma das formas de expressão do Turismo Cultural que permite compreender a Experiência Turística.

A Feira do Cavalo da Golegã

O concelho da Golegã localiza-se no centro do país, na NUT III Lezíria do Tejo, conforme estipulado pelo Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de novembro. É um concelho predominantemente rural, cercado de Quintas cujos proprietários trazem à vila os seus exemplares equinos, misturando os sons dos cavalos com a pacatez habitual da localidade e mostrando o envolvimento da vila no mundo equestre mundial.

Segundo a organização da Feira Nacional do Cavalo citada por Boavida (2012), esta Feira tripartida é também conhecida por Feira de São Martinho, tendo sido criada em 1571 por D. Sebastião. É um espetáculo equestre público único e de cariz gratuito e o dia 11 de novembro, dia de São Martinho, tende a ser o dia de mais movimento. De cariz competitivo desde 1833, foi transformada em Feira Nacional do Cavalo por Carlos Veiga, enquanto Presidente da Câmara, em 1972, sendo esse o nome oficial do certame: “tratava-se do reconhecimento oficial do papel histórico que o cavalo tivera na distinção da vila, que chegou mesmo a ser reconhecida como o ‘Chiado do Ribatejo’, uma vez que para ali se transferia sazonalmente grande parte da elite social e económica de Lisboa.” (Oliveira, 2005, p. 99)

O investimento recente no Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres (HIPPOS), inaugurado em maio de 2013, que percorre sete hectares de terreno à entrada da Golegã, criou infraestruturas para acolher as várias disciplinas equestres, naquele que se assume como o primeiro centro de alto rendimento equestre em Portugal. Esta Vila é encarada como a Capital do Cavalo: de facto, a assunção da localidade em torno deste património tem sido evidente ao longo dos séculos e a vila, segundo Veiga Maltez (citado em Boavida, 2012), tem reconhecido a necessidade de simbiose entre a tradição e a modernidade.

Contudo, apesar de um país com grande tradição equestre (Oliveira, 2010), ainda existe “falta de conhecimento do negócio turístico por parte do sector equestre”, não tirando proveito das sinergias obtidas com o explorar o desporto equestre do ponto de vista turístico. Segundo Vítor Bergamota, Presidente da Associação Nacional de Turismo Equestre em entrevista dada ao Correio do Ribatejo em novembro de 2011, “o turismo equestre em Portugal ainda não saiu do adro”. No entanto, já se podem observar alguns exemplos de boas práticas, nomeadamente no estudo de caso desta investigação, onde “o turismo se oferece como um importante instrumento de desenvolvimento das

economias contemporâneas, acima de tudo dos meios rurais, proporcionando benefícios de longo prazo quando implementados de forma sustentada” (Lourenço, 2011, p. 175).

Metodologia

No pressuposto da importância assumida pela interação enquanto componente essencial do Turismo Cultural, pretende-se com este trabalho obter uma melhor compreensão do processo interativo, designadamente no âmbito dos seus efeitos junto dos Turistas. De forma a alcançar os objetivos propostos, recorreu-se à análise de dois estudos de caso distintos, o Comboio Histórico a Vapor no Alto Douro Vinhateiro e a Feira do Cavalo da Golegã, ambos fortemente marcados pela interação em contextos de Turismo Cultural.

Tal como refere a obra de Barañano (2004), o estudo de caso prevê uma exposição rigorosa de dados experienciados, com base numa combinação de convicções, oriundas de diversas fontes de informação. Em função da informação partir do sujeito, foram aplicadas várias técnicas de pesquisa, nomeadamente documentação (direta e indireta) e observação direta. Para tal, recorreu-se à implementação de inquéritos por questionário, tendo sido incorporadas nos questionários questões adaptadas aos territórios em apreço.

Em ambos os casos recorreu-se à observação participante (antes, durante e após os eventos que originam as referidas Experiências Turísticas) e, para além da revisão da literatura, foi feita uma recolha de artigos publicados na imprensa. Procedeu-se à gravação dos dados e passagem para suporte informático para ser considerada válida como fonte de informação.

No âmbito do Comboio Histórico a Vapor no Alto Douro Vinhateiro, a recolha e o tratamento da informação incidiu em técnicas qualitativas, “uma vez que se tratava de uma abordagem inicial, que tinha como objetivo contextualizar e ampliar a compreensão de uma Experiência Turística particular, sem o propósito de generalizar a informação obtida” (Salvador, 2012, p. 47). De acordo com a perspectiva de Ryan (2011), ao estudar um fenómeno tão marcado pela subjetividade como é a Experiência Turística, uma abordagem qualitativa permite captar mais facilmente a riqueza deste conceito.

Foram realizados questionários de resposta aberta, aplicados aos passageiros do comboio a vapor, no final do percurso de ida, isto é, durante a paragem na estação de Tua, e durante o percurso de volta. Os questionários foram aplicados durante três viagens realizadas nos meses de julho, agosto e setembro, tendo-se obtido um total de 104 questionários.

Este tipo de questionário permite contextualizar a experiência, obtendo um conjunto de possibilidades de resposta, não condicionadas à subjetividade do investigador. Como refere Moreira (2004, p. 130), “o uso de questões de resposta aberta é recomendável quando o investigador não conhece, ou não pode prever à partida, toda a variedade de

respostas que poderiam ser dadas pelos inquiridos”. O mesmo autor (2004, p. 30) acrescenta que “as questões abertas são as únicas que nos poderão permitir uma aceitável aproximação ao conjunto de respostas disponíveis na população de interesse [...] servindo assim como informação de base para estudos futuros”.

No âmbito da Feira Nacional do Cavalo, em concreto, as variáveis independentes utilizadas, que permitem captar características pessoais, foram: idade, grau de ensino, sexo, naturalidade e nacionalidade. Para determinar o universo de estudo e adaptar o trabalho de campo, foram planeadas visitas desde agosto até março. Foram efetuadas entrevistas na Câmara Municipal (2), na Junta de Freguesia e no Posto de Turismo (2), no Equuspolis (2), na Associação Nacional de Turismo Equestre e na Lusitanus (2), nos Bombeiros Voluntários (1), nos estabelecimentos hoteleiros (2) e em lojas locais (4), num total de 15 entrevistas.

Deve destacar-se também a realização do questionário a moradores ou indivíduos que trabalham na Golegã, operacionalizado durante o mês de janeiro. Tendo-se optado por colocar um conjunto de perguntas abertas, foi também utilizada a técnica de análise de conteúdo, pois “numa investigação por questionário, a análise de conteúdo é particularmente útil na fase do pré-inquérito, como é também necessária na análise das questões abertas do questionário” (Vala, 1996, p. 197).

Resultados

No âmbito da viagem realizada no Comboio Histórico do Alto Douro Vinhateiro e através da análise dos resultados obtidos no trabalho desenvolvido por Salvador (2012), verifica-se uma referência significativa aos fatores “animação” e “convívio” durante a viagem, o que reforça a valorização da interação e da componente de relacionamento interpessoal que esta experiência permite. Destaque também para o contraste refletido na experiência, onde o Turista vive em comunidade, partilha a experiência com outros Turistas, que participam também na construção da sua própria Experiência.

A amostra para este estudo é constituída por 104 inquiridos. O questionário presencial foi aplicado justamente aos passageiros do Comboio Histórico a Vapor.

Dos 104 inquiridos, 59% são do sexo feminino e 41% são do sexo masculino. As idades foram agrupadas em quatro categorias: “menos de 25 anos”; “25 a 39 anos”; “40 a 65 anos” e “mais de 65 anos”. Os grupos “25 a 39 anos” e “40 a 64 anos” reuniram a maior frequência, com 35% e 48%, respetivamente. No que se refere à nacionalidade dos inquiridos, a grande maioria (89%) são de nacionalidade portuguesa.

Os principais fatores que motivaram a escolha desta viagem foram: “curiosidade para conhecer o comboio a vapor” (53%); “viver a experiência de viajar num comboio a vapor” (27%); “(re)viver o passado” (25%); “a paisagem” (13%) e “viver uma experiência educativa em família” (10%) (Figura 1).

Em relação aos fatores de sedução assinalados no decorrer da própria viagem, ou seja, no decurso da experiência, destacam-se: “a paisagem envolvente” (53%); “a animação” (37%) e “o convívio” (26%). Uma percentagem significativa dos inquiridos fez também referência à “música tradicional” (13%), aos “produtos regionais” (13%) (a Bôla tradicional e o Vinho do Porto oferecidos durante a viagem) e também “o cheiro” (12%) e “os sons” (11%) (Figura 2).

Há, assim, a destacar uma espécie de cariz metamórfico nas perceções experienciais. Uma prevalência cultural na antecedência (associada ao Comboio a Vapor) dá lugar a um domínio dos fatores naturais na vivência propriamente dita (a importância da Paisagem).

Por seu turno e no âmbito da Feira Nacional do Cavalo da Golegã, foi realizado um questionário considerando uma amostra de 200 indivíduos, tendo sido validados 135 questionários. O tratamento e a análise dos dados foram feitos através dos *softwares*: IBM SPSS® Statistics (versão 19) e Microsoft Office Excel® (versão 2007). Os dados foram codificados nesse sentido. Do total de indivíduos inquiridos, 51,9% eram do sexo masculino e 48,1% do sexo feminino, verificando-se uma distribuição equitativa por géneros. Quanto à naturalidade, 44,4% nasceram na Golegã e apenas dois não são de nacionalidade portuguesa. Analogamente, os visitantes da Feira Nacional do Cavalo são maioritariamente portugueses. De mencionar o facto de ser uma Feira de cariz público e gratuito, pelo que se regista uma grande dificuldade em contabilizar os participantes.

Os inquiridos têm idades compreendidas entre os 18 e os 81 anos, com uma média de 41 anos e a grande maioria (91,1%) entre os 23 e os 59 anos.

Verificou-se que a maioria dos inquiridos (79%) tem conhecimento da Feira através da família ou dos amigos, já o sabendo “há vários anos” (93%), revelando-se uma maioria incontestável para os que vão à Feira várias vezes no ano (71,9%), na companhia da família e/ou dos amigos (91,1%) (Figuras 3 a 6), notando-se a importância da tradição familiar e do grupo social na vivência e na partilha de informação. A estes fatores não está alheia a tradição equestre, manifestada um pouco por toda a vila. Esta participação comunitária no certame acaba por se consubstanciar numa hospitalidade “sistémica” que confere uma maior atratividade à Feira, contribuindo para o seu usufruto cultural por parte dos Turistas.

Na sequência do trabalho desenvolvido por Boavida (2012), concluiu-se que através do turismo são estabelecidas interações diárias entre Turistas e residentes, sendo o Turismo um contributo para acentuar o interesse cultural dos visitantes e para construir pontes de compreensão entre as duas realidades, gerando convergências de vantagens mútuas que contribuem para o desenvolvimento local, designadamente no âmbito dos consumos gerados.

Os processos de integração desencadeados, também pela Comunidade Local, são fundamentais para acentuar o interesse na cultura da Golegã em torno da Feira do Cavalo e conseqüente Experiência Turística. Este interesse foi confirmado através da análise do questionário. De facto, questionando o motivo de visita à Feira, obtiveram-se

cinco grupos de ocorrências, aos quais foram associados os termos: festa, cavalos, trabalho, residente e tradição. No questionário, foi construída uma questão para incentivar a uma reflexão; como expetável, todos os inquiridos responderam que a vila fica diferente durante a Feira. Para esta investigação, interessava saber porquê, tentando identificar os aspetos positivos e negativos do aumento do número de visitantes durante a Feira Nacional do Cavalo. Tendo em conta que o contacto entre a Comunidade Local e os Turistas tende a ser mais conflituoso à medida que aumenta o número de visitantes (Smith, 1989), interessa-nos conhecer a forma de relacionamento provocado por este contacto intercultural, mesmo que temporário. Foi considerada uma primeira separação entre o dia e a noite, pois de acordo com Boavida (2012), verifica-se uma transfiguração da festa com o anoitecer: mudam as atividades, os visitantes e o ambiente. Para facilitar a compreensão da análise das respostas obtidas e as respetivas relações entre as variáveis, apresenta-se a Figura 7. Dos grupos de ocorrências construídos, foram feitos testes estatísticos com as variáveis obtidas e verificaram-se algumas relações entre as variáveis, nomeadamente diferenças de comportamento entre homens e mulheres, sendo que aqueles se mostram mais envolvidos nas festividades e no ambiente da festa; as variáveis “lixo” e “falta de civismo” como aspetos negativos durante a noite, vislumbram alguns conflitos da Comunidade Local na forma de encarar os visitantes; o “movimento”, sendo considerado simultaneamente como aspeto positivo e negativo. Como era esperado, as atitudes dos residentes não são homogéneas, mas permitem confirmar algumas hipóteses do estudo de Boavida (2012): os visitantes, apesar das diferenças de atitudes e comportamento, alteram a dinâmica comunitária, desvirtuando a sua identidade. Não se verifica uma coesão de comportamentos que poderia permitir a avaliação teórica da Experiência. Mas verificou-se que, fortuitamente, são adotados comportamentos opostos, por parte dos residentes, enquanto visitantes da Feira. Estes revelaram uma perceção difusa e, por vezes, contraditória da sua transformação enquanto participantes na Experiência Turística.

Sendo a Feira Nacional do Cavalo assumida como identidade local, e de acordo com Boavida (2012), a Golegã esquece o seu cariz pacato e transforma-se temporariamente numa vila cosmopolita, com uma população “residente” a aumentar exponencialmente.

Outros resultados permitem afirmar que, se associada ao comércio, a festa é considerada como fator principal de desenvolvimento local. E, se associada ao mundo equestre, torna-se a razão de ser da Comunidade, indissociável da localidade em si. Podemos concluir ainda que a maioria dos inquiridos nesta investigação selecionou a palavra “cavalo” para descrever a vila da Golegã, uma localidade que se baseia nas suas tradições e consegue estabelecer a sua imagem enquanto destino.

A interação tem vindo a promover a própria capacidade de retenção do destino Golegã, fazendo jus à convicção, segundo a qual a participação e o envolvimento dos visitantes prolongam o interesse turístico na componente cultural dominante. Este Turismo Cultural Participativo proporciona uma convergência de interesses entre as Comunidades Locais e os Turistas e/ou visitantes. O conceito turismo pedagógico,

assumido como um espaço de educação não formal/informal e encarado como ferramenta de emancipação coletiva, tem vindo a ser integrado numa perspetiva de sustentabilidade, através da qual cada experiência pode tornar-se uma oportunidade de envolvimento comunitário, proporcionando ciclos viciosos de apropriação, partilha de conhecimento e resultados.

Conclusão

A interação cultural que se desenvolve no âmbito da atividade turística, apesar do seu cariz marcadamente cultural e da sua influência nas perceções dos Turistas, surge com um cariz não impositivo, sendo que a prerrogativa de opção experiencial parte dos próprios Turistas, construindo experiências mais enriquecedoras para todos, impulsionando o envolvimento de todos os atores.

Verificou-se que a interação cultural, previamente definida como grande objetivo em si mesma, nem sempre corresponderá a um predomínio cultural no âmbito do usufruto da Experiência Turística propriamente dita.

O presente trabalho permitiu evidenciar o interesse em torno da investigação da gestão da Experiência Turística assente nas três fases que assinalam o percurso evolutivo e de desenvolvimento pessoal do Turista. Para além do destino e das suas especificidades, a psicologia do Turista é algo incontornável em pistas de investigação futuras que se levantem em torno desta problemática.

Apesar de normais condicionamentos nas preferências turísticas suscitados pela interação cultural, a liberdade do Turista (mercê dos desvios assinalados pelas suas opções turísticas) é acentuada em determinados contextos, o que denota: ou ineficácia da interação e/ou uma maior atratividade no âmbito de outros atributos da oferta turística, designadamente os naturais e/ou ainda outros fatores a diagnosticar em futuras investigação e aqui não equacionados.

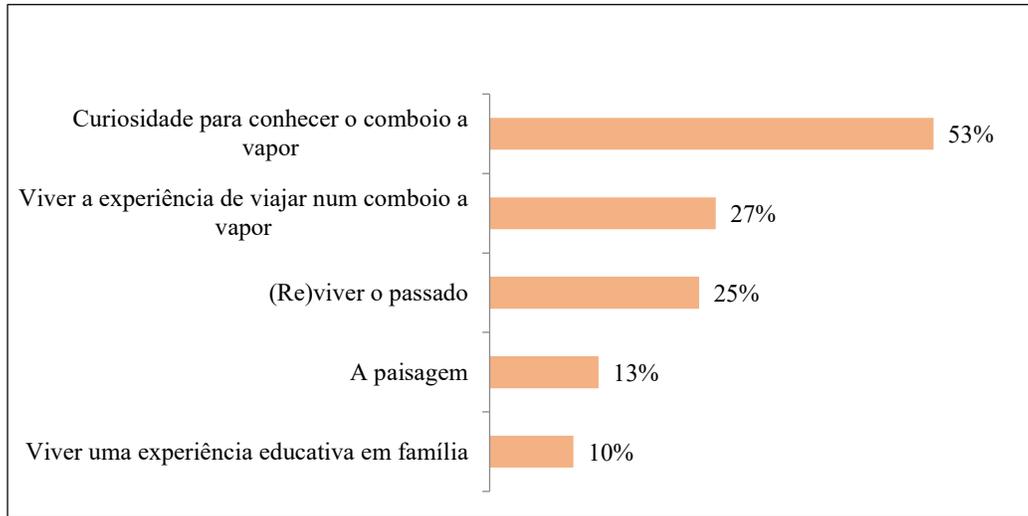
O diagnóstico da matriz identitária e o desenvolvimento integrado da oferta turística possibilitam uma experiência partilhada, global e determinante que permite criar um produto atrativo e afirmar e diferenciar a própria imagem do destino, incrementando a sua capacidade de retenção.

Podemos ainda afirmar que a Experiência Turística (trans)forma as pessoas e essa mudança é tanto maior quanto mais intensamente for vivida a referida Experiência. Contudo, a Experiência não proporciona apenas uma transformação do sujeito, pois o espaço também sofre alterações imprevistas. Para além das influências do meio ambiente cultural e natural que serão distintas, mercê dos destinos, torna-se assim essencial continuar a investigar a psicologia do Turista e os mecanismos de interação desenvolvidos no destino como contributos para a compreensão holística da Experiência Turística.

Referências

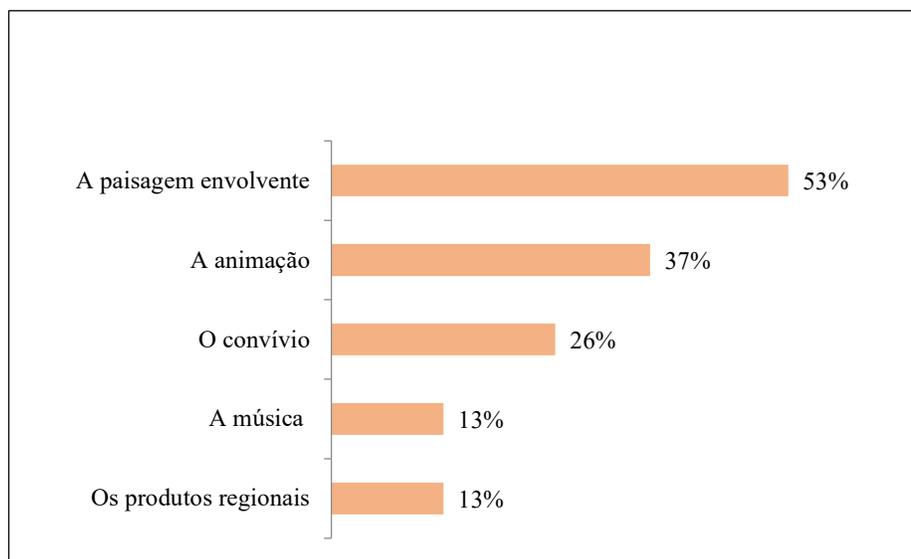
- Almeida, A. S. A. (2008, 19 novembro). Os media entre a assumpção identitária e o imaginário turístico. Apresentada em *II Congresso Internacional de Turismo Leiria e Oeste*, Peniche, Portugal.
- Almeida, A. S. A. (2012). Comunidades turísticas e actores intermediários - A experiência como contributo para a sustentabilidade. In *Teatro e Intervenção Social* (pp. 97-109). Chaves: Edição Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Almeida, P. & Araújo, S. (2012). *Introdução à gestão de animação turística*. Lisboa: Edições Lidel. ISBN: 978-972-757-871-9.
- Baraãno, A. (2004). *Métodos e técnicas de investigação em gestão: Manual de apoio à realização de trabalho de investigação*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Boavida, A. (2012). *A experiência turística partilhada – Contributos para a hospitalidade e retenção do destino turístico – O caso da Feira do Cavalo da Golegã*. (Dissertação de Mestrado em Gestão e Sustentabilidade no Turismo). Disponível em https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/665/1/Mestrado%20Gestao%20Sust.Turismo_Ana_Teresa_Boavida.pdf
- Cutler, S. & Carmichael, B. (2011). Learning from travel experiences: A system for analyzing reflective learning in journals. In P. Stone, & R. Sharpley, *Tourist Experience – Contemporary Perspectives*. (1ª Edição, pp. 183-197). Canada: Routledge.
- Dias, F. (2009). Visão de síntese sobre a problemática da motivação turística. *Percursos & Ideias*, 1 (2.ª Série), 117-143.
- LEO (2009). *Lapland centre of expertise for the experience industry, competitiveness through experiences*. Consultado em 18 setembro 2014. Disponível em <http://www.leofinland.fi/index.php?name=Content&nodeIDX=3615>
- Lourenço, E. (2011). Boas práticas de inovação e planeamento em turismo: O caso da Golegã. In *Revista Turismo e Desenvolvimento* (16), 175-187.
- Matos, A., Ribeiro, E. & Bernardo, M. (2009). *Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)*. Disponível em http://www.cidehus.uevora.pt/textos/artigos/amatatos_camferro_turismo_xix-xx.pdf, consultado em 17/10/2011
- Moreira, J. (2004). *Questionários: Teoria e prática* (1ª Edição). Coimbra: Livraria Almedina.
- Oliveira, C. (2010). Equestrian tourism in Portugal: Present diagnostic and development prospect. Apresentada em *International Congress on Tourism 2010*, Porto, Portugal.
- Oliveira, P. (2005). *A feira da Golegã: Das origens à actualidade, subsídios para a sua história* (2.ª Edição). Golegã: Associação Feira Nacional do Cavalo.

- Pine, B. & Gilmore, J. H. (1999). *The experience economy – Work is theatre & every business a stage*. Boston: Harvard Business School Press. ISBN: 9780875848198.
- Ryan, C. (2011). Ways of conceptualizing the tourist experience: a review of literature. In P. Stone, & R. Sharpley, *Tourist Experience – Contemporary Perspectives* (1.^a Edição, pp. 9-20). Canada: Routledge.
- Salvador, V. (2012). *Experiência turística - Expectativas e vivências metamórficas no desenvolvimento pessoal do turista: O caso do comboio histórico a vapor no Alto Douro Vinhateiro* (Dissertação de Mestrado em Gestão e Sustentabilidade no Turismo). Disponível em https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/646/1/Mestrado%20Gestao%20Sust.Turismo_Vania_Salvador.pdf
- Silva, S., Mendes, S. & Almeida, A. (2015). O papel dos museus nos constructos da experiência global do destino - O caso do Museu da Cerâmica de Caldas da Rainha. *In Tourism and Hospitality International Journal*, 4(1), 48-70.
- Smith, V. (Org.). (1989). *Hosts and guests: The anthropology of tourism* (2.^a Edição). Filadélfia: University of Pennsylvania Press. ISBN: 8-8122-1280-0.
- Tarssanen, S. (2006). From service to experience: Experience pyramid, a tool for experience co-creation. Apresentada em Lonnsom Opplevelsesproduksjon I Fjellturismen, Oslo, Noruega.
- Trigo, L. (2010). A viagem como experiência significativa. In A. Netto & C. Gaeta, *Turismo de Experiência* (pp. 21-41). São Paulo: Senac. ISBN: 978-85-396-0021-2.
- Turner, V. (1969). *The ritual process – Structure and anti-structure*. Harmondsworth: Penguin. ISBN: 0-8014-9163-0.
- Vala, J. (1996). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. ISBN: 85-312-0741-X.



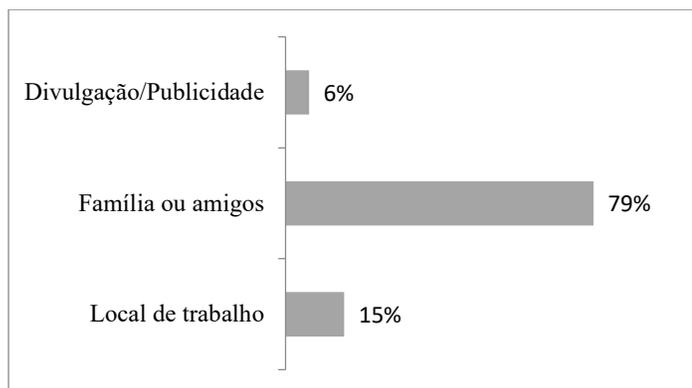
Fonte: Salvador (2012, p. 57)

Figura 1. Motivações para participar na viagem de Comboio Histórico no Alto Douro Vinhateiro



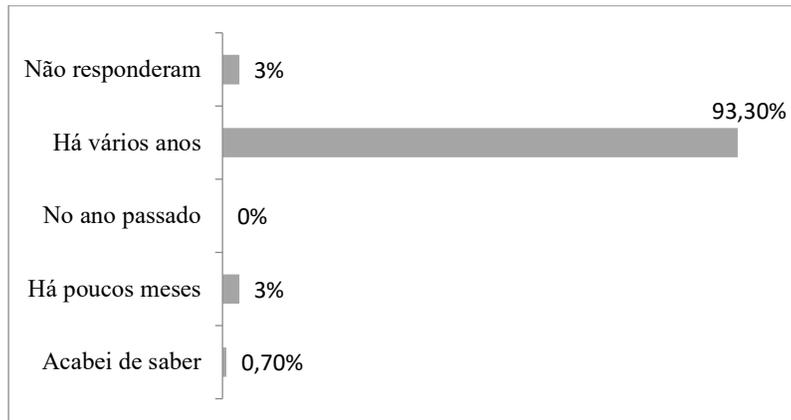
Fonte: Salvador (2012, p. 59)

Figura 2. Fatores de sedução durante a viagem de Comboio Histórico no Alto Douro Vinhateiro



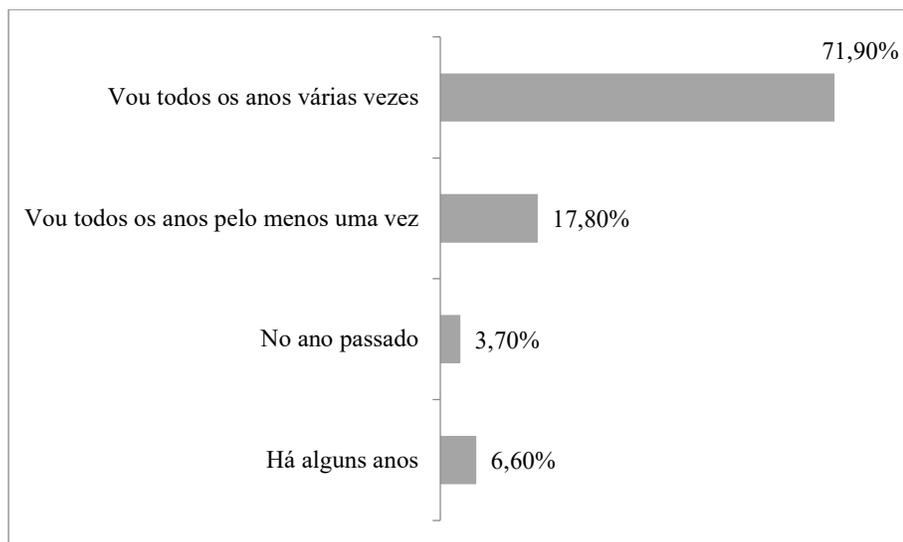
Fonte: Própria

Figura 3. Modo como foi tomado conhecimento da Feira Nacional do Cavalo



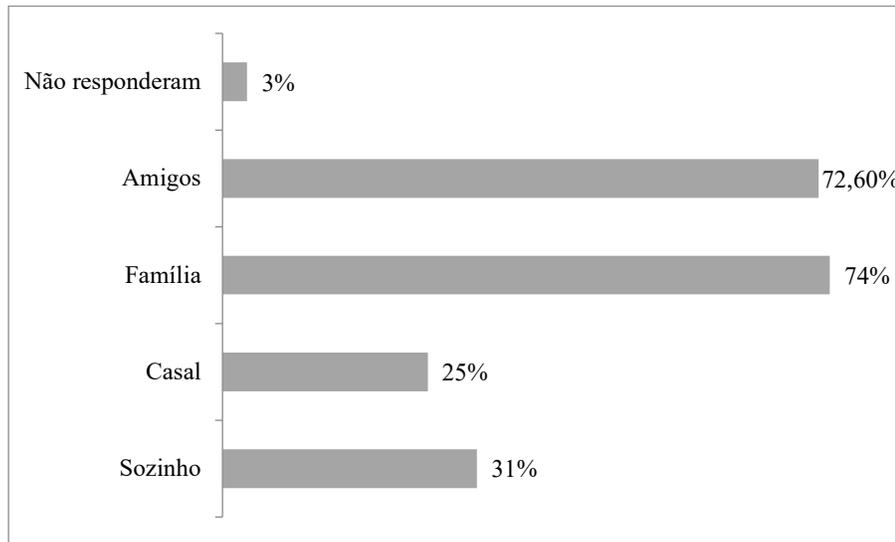
Fonte: Própria

Figura 4. Relação temporal entre a tomada de conhecimento e a visita à Feira Nacional do Cavalo



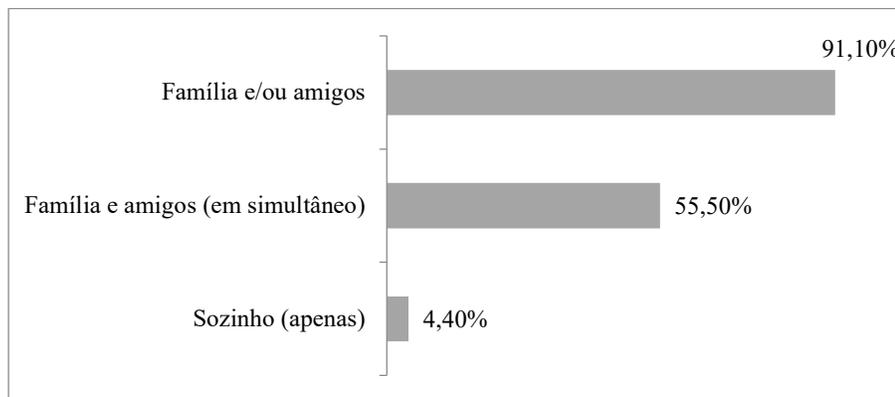
Fonte: Própria

Figura 5. Periodicidade de visita à Feira Nacional do Cavalo



Fonte: Própria

Figura 6A. Como se faz acompanhar durante a visita à Feira Nacional do Cavalo



Fonte: Própria

Figura 6B. Análise dos resultados das respostas obtidas

Nota às figuras 6A e 6B: Podendo seleccionar várias hipóteses na resposta à questão, os dados da figura 6A foram trabalhados pelo investigador para obter conclusões mais detalhadas conforme se pode observar na figura 6B.

Durante o dia		Durante a noite	
Aspetos positivos	Aspetos negativos	Aspetos positivos	Aspetos negativos
comércio	barracas	comércio	barracas
festa	distúrbios	festa	distúrbios
espetáculos	primazia cavalos	espetáculos	
visitantes	pessoas	visitantes	pessoas
multidão	barulho		barulho
movimento	trânsito	movimento	trânsito
divulgação	estacionamento	divulgação	estacionamento
encontrar amigos	cavalos e pessoas	convívio	
bom ambiente	lixo		lixo
	falta civismo	juventude	falta civismo
		bares	abuso animais
álcool	álcool	álcool	álcool
	insegurança	castanhas assadas	destruição
nenhuns	nenhuns	nenhuns	nenhuns

Fonte: Boavida (2012, p. 46)

Figura 7. Grupos de ocorrências